



## Marechal Floriano Peixoto

Cláudio Moreira Bento\*

*Resumo biográfico de Floriano Peixoto reverencia o centenário do seu falecimento.*

*Por dificuldades encontradas na elaboração do copydesk do original recebido, o artigo deixou de ser publicado em 1995, como seria próprio.*

O dia 29 de junho de 1995 registrou o centenário de falecimento do segundo presidente da República, o Marechal Floriano Peixoto. Faleceu na Fazenda Paraíso, junto à estação ferroviária da divisa Resende-Barra Mansa, distrito atual de Floriano, aos 56 anos de idade. Herói nacional, foi consagrado pela História como o “Consolidador da República” e como o “Marechal de Ferro”.

“Consolidador da República”, por haver enfrentado e debelado diversas ameaças à República recém-instituída, entre as quais a

tentativa de proclamação da República Transatlântica de Mato Grosso, vinculada a interesses ingleses<sup>1</sup>, a Guerra Civil (1893-1895) na Região Sul do País<sup>2</sup> e a Revolta na Armada.<sup>3</sup> “Marechal de Ferro” pela energia, calma, determinação, sangue frio e coragem com que as enfrentou.<sup>4</sup>

### NASCIMENTO, INFÂNCIA E JUVENTUDE<sup>5</sup>

Floriano nasceu no modestíssimo engenho paterno do Riacho Fundo, distrito de

\* Coronel de Engenharia e Estado-Maior do Exército. Sócio-benemérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, IGHMB.

1. LEAL, Joaquim Ponce. O Conflito Campo x Cidade. Rio, Rio Arte, 1988.

2. BENTO, Cláudio Moreira. História da 3ª Região Militar. V.2, cap7.

3. *Idem*. Centenário da Revolta na Esquadra. *A Defesa*

*sa Nacional*, nº 726, outubro/dezembro de 1993.

4. Também pela resposta a ele atribuído, ao ser-lhe perguntado como seria recebido o desembarque das guarnições de navios estrangeiros no Rio de Janeiro para protegerem vidas e patrimônios de compatriotas. “A bala!” teria sido a resposta.

5. Pereira, Moacyr. Anais do Congresso Nacional da República, 1989.

Ipioca, próximo a Maceió (AL), em 30 de abril de 1839, quando ia acesa e viva, no Sul, a Revolução Farroupilha (1835-1845). Foi o quinto filho de numerosa prole.

Sua criação foi entregue a seu tio paterno, padrinho e futuro sogro, o Coronel José Vieira de Araujo Peixoto, rico e poderoso proprietário de três engenhos, e não possuía filhos, até então.<sup>6</sup> Floriano aprendeu, com seu pai adotivo, os segredos da liderança, inclusive a militar. Hábil no comando de homens e em se fazer respeitar, Vieira Peixoto detinha expressivo poder político, tendo chefiado, em 1844, uma rebelião militar que obrigou o governador da província a fugir.

Floriano cresceu no Engenho Ponte Grande próximo daquele onde nascera, na condição de filho único. Recebeu instrução inicial de um padre parente do pai adotivo, e este, mais tarde, montou casa em Maceió, onde Floriano continuou a estudar. Retornava sempre, porém, ao Ponte Grande, na época da moagem da cana, coincidente com suas férias, e durante toda a vida, sua alma foi a de um menino de engenho.<sup>7</sup>

Em 1855, aos dezesseis anos, foi para o Rio de Janeiro, dentro do clima da vitória brasileira na guerra contra Oribe e Rosas (1851-1852). Frequentou, por dois anos, o colégio S. Pedro de Alcântara, preparando-se para cursar a Escola Militar da Praia Vermelha, de modo a satisfazer o desejo do pai adotivo.

## FLORIANO MILITAR

Floriano ingressou no Exército em 1857, no 1º Batalhão de Artilharia, na Fortaleza de Santa Cruz. Cursou a Escola Militar da Praia Vermelha e a do Largo de São Francisco (1857-1862).

A Guerra contra o Paraguai foi encontrá-lo servindo, como 1º tenente de Artilharia, em Bagé.<sup>8</sup>

Invadido o Rio Grande por São Borja marchavam os paraguaios em duas colunas de cada lado do Rio Uruguai em direção a Uruguaiana, que foi conquistada. O Tenente Floriano, improvisado em comandante naval de uma esquadrilha de quatro barcos, recebeu e desincumbiu-se muito bem da missão de impedir o contato das duas colunas<sup>9</sup> que tentavam reforçar a coluna invasora do Rio Grande.

Por esse feito, em que supriu deficiências com valentia, liderança e arrojo, o Tenente Floriano foi promovido a capitão aos 26 anos, e nomeado Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Na Guerra do Paraguai comandou uma Companhia do Batalhão de Engenheiros. Seus chefes ressaltaram-lhe “o entusiasmo, a coragem, a galhardia e a calma em combate”.

Foi promovido a major, por ato de bravura, em dezembro de 1868, aos 29 anos. No final da guerra, comandou o 9º Batalhão

6. Mais tarde nasceria Josina, com a qual Floriano se casaria, tomando-se herdeiro de parte da fortuna do tio, padrinho, sogro e amigo.

7. Por coincidência ou desejo próprio, terminou sua existência envolto na atmosfera dos canaviais existentes em torno do Engenho Real, de Porto Real, próximo da Fazenda Paraíso.

8. 29 anos mais tarde, sitiada durante 46 dias por federalistas, ao comando do General-honorário Joca Tavares, Floriano participaria da libertação dessa cidade (8 de janeiro de 1884).

9. A ligação entre as duas colunas era feita por canoas paraguaias chamadas “bogavantes”.

de Infantaria, quando teve participação destacada em Aquidabã, reconhecida pelo General Câmara. Ali reencontrou-se com o Coronel Joca Tavares que conhecera em Bagé.

Mais tarde, o então Marechal Câmara e o General-honorário, Joca Tavares, seus companheiros em Aquidabã, liderariam o movimento que resultou na Guerra Civil (1893-1895) visando a depô-lo. Não obstante, Floriano conseguiu demover o marechal a dela participar e prestigiou o grande soldado, através de atitudes e atos respeitosos, quando do seu falecimento, no Rio de janeiro comparecendo pessoalmente ao sepultamento.<sup>10</sup>

#### • De 1870 a 1891

Floriano retornou do Paraguai em setembro de 1870, após nele permanecer durante todo o conflito. Peregrinou por Mato Grosso e Amazonas e diplomou-se em Ciências Físicas e Matemáticas.

Voltara combalido. Não lembrava mais o cadete caboclo de força notável, campeão de esgrima a baioneta e temido adversário nas brigas, do tempo da escola, com valentões do Rio. Pediu licença para tratamento de saúde em Alagoas.

Nos quatro meses de licença, recuperou-se e se casou no posto de tenente-coronel, aos 33 anos com sua irmã adotiva e prima Josina, no engenho Itamaracá, em 11 de maio de 1872.

Nessa licença, lembrava sempre, desfrutou os melhores dias de sua vida. Ao seu término conseguiu ser convocado para desenvolver, em Alagoas, obras militares: reparos no quartel do Batalhão de Infantaria local; construção de Enfermaria e de Depósito de

Material Bélico, cuja planta está no Arquivo Histórico do Exército. Retornou ao Rio.

Em 1874, é coronel, comandante do 3º Regimento de Artilharia a Cavalos. Em 1875, é diretor do Arsenal de Guerra de Pernambuco. Em 1880, nova crise de saúde e problemas econômicos nos engenho de que era sócio levaram-no a pedir reforma do Exército, do que foi demovido pelo governador da província, ancestral do historiador Américo Jacobina Lacombe.<sup>11</sup>

Em 1883, com 26 anos de serviço, foi promovido a brigadeiro. Comandou, então as Armas do Amazonas e Pernambuco. Em 1884, foi comandante das Armas e Presidente de Mato Grosso, pelo Partido Liberal, onde se revelou hábil político, apoiou o abolicionismo e criou o imposto de exportação de erva mate para o Prata.

Em 1882, estando em Alagoas, foi nomeado para comandar a 2ª Brigada no Amazonas. Pediu mais uma vez reforma do Exército, para dedicar-se à administração de seus engenhos e os da família, em Alagoas. Foi demovido por seus amigos – a essa altura, possuía grande e discreta liderança no Exército, por seu valor militar e sólido conceito.

#### • O Brilho de sua Estrela

De 31 de janeiro de 1889 a 15 de novembro de 1894, dos 49 anos aos 54 anos, por mais de 5 anos, Floriano teve rápida e brilhante ascensão no cenário nacional: Comandante da 2ª Brigada do Exército, em São Cristóvão, integrada pelos 1º Regimento de Cavalaria (atual Dragões de Brasília), 2º Regimento de Artilharia (atual Regimento Floriano) e Batalhão de Engenheiros, no qual combatera no Paraguai, (atual 1º Batalhão

10. BENTO, Cláudio Moreira. História da 3ª Região Militar, nota 2, p.89.

11. PEREIRA, Moacyr. Anais do Congresso Nacional da República, artigo de A. Jacobina Lacombe.

de Engenharia de Combate, em Santa Cruz); Ajudante-General do Exército<sup>12</sup> interino, até 15 de novembro de 1889, e efetivo após.<sup>13</sup> Marechal-de-Campo (1889); Marechal (1890); Ministro da Guerra, 1<sup>o</sup> Vice-Chefe do Governo Provisório da República, Conselheiro de Guerra, Vice-presidente da República, eleito na chapa de oposição ao Marechal Deodoro, um e outro por eleição indireta. Finalmente, Vice-Presidente da República no exército da Presidência, de 23 de novembro de 1891 a 15 de novembro de 1894, mais de 3 longos e agitadíssimos anos dedicados a debelar crises políticas e diversas revoltas.

Seguramente, nenhum dirigente do Brasil, no Império e na República, enfrentou período mais conturbado do que ele, inclusive ameaças externas, na época da "Diplomacia das Canhoneiras", e a Questão de Palmas.<sup>14</sup>

Após passar a presidência ao seu substituto, a conselho médico, fez estação de águas, duramente quatro meses em Cambuquira.

Passou os últimos 24 dias de sua vida na Fazenda Paraíso<sup>15</sup>. Ali redigiu o seu testamento político, o qual se encontra reproduzido no final deste artigo.

Teve forte crise da enfermidade que o acometia em 28 de junho de 1895. Consciente da morte próxima, lamentou deixar filhos menores para educar. Acariciou seus

dois caçulas Maria Josina e José e exclamou, após acariciar o último quando chorava: – "Que infelicidade!" Manifestou desejo de ser sepultado na Estação da Divisa, atual distrito de Floriano. E faleceu.<sup>16</sup> No bolso de seu casaco foi encontrada, rascunhada, uma mensagem para jovens republicanos que estavam por visitá-lo da qual se transcreve o trecho abaixo:

*"... A pretendida homenagem dos Srs. me enche a alma de um prazer imenso. Ela é um tributo de vossa gratidão a um velho servidor da Pátria, que lhe consagrou de coração o melhor de sua vida e, à República, por amor à qual sacrificou o resto da saúde e vigor que lhe deixaram a penosa campanha do Paraguai. Hoje, como vedes, vivo longe do lar a procurar vários climas para a reparação de forças perdidas nas lutas pela Pátria e pelas instituições..."*<sup>17</sup>

A primeira autoridade vinda do Rio para seus funerais foi o Dr. Fernando Luiz Osório, filho e biógrafo do General Osório, com quem Floriano mantinha muito boa amizade.<sup>18</sup>

Estavam, com Floriano, sua esposa e os filhos: Ana com 21 anos; Floriano com 17 anos; Maria Tereza com 14 anos; José com 10 anos; Maria Anália com 8 anos e Maria Josina com 4 anos. Portanto, cinco filhos menores. A idéia que normalmente nos ocorre seria a de um homem velho, com os filhos independentes e encaminhados na vida.<sup>19</sup>

12. Em realidade, comandante do Exército (PEREIRA, Moacyr. Anais do Congresso Nacional da República, artigo de A. Jacobina Lacombe).

13. BENTO, Cláudio Moreira. O Exército na Proclamação da República. Rio, SENAI, 1989.

14. Segundo o Coronel Davis R. de Sena, a solução favorável da Questão de Palmas, com a Argentina, é mérito do seu governo, que teve a feliz iniciativa de chamar o cônsul brasileiro em Liverpool, Inglaterra, Barão do Rio Branco, para defender os interesses do Brasil.

15. Hoje, Hotel Fazenda Paraíso.

16. *Causa mortis*, constante do atestado de óbito: "esclerose hepática hipertrófica".

17. Vide, em Floriano – Memórias e Documentos, v.1, p. 226-228.

18. No Arquivo do General Osório, no IHGB, encontra-se a correspondência trocada entre Osório e Floriano, comprovando recíproca admiração.

19. *Op. cit.* nota 16 publica foto da sua família e da Fazenda Paraíso.

## TRAÇOS DO PERFIL PSICOLÓGICO DE FLORIANO

A personalidade de Floriano foi definida por Euclides da Cunha como uma *“esfin-ge indecifrável que olhava todos sem se fixar em ninguém, gestos breves, palavras escassas, esquivo, impassível, dono de um sorriso mecânico”*.

Sua meteórica ascensão política-militar, de 31 de janeiro de 1891 a 15 de novembro de 1894, em que dominou o cenário político nacional, se deve a sua excepcional capacidade política de avançar contactando com e se impondo às pessoas certas sem alardes, avesso que era à notoriedade das páginas dos jornais. Antes de 15 de novembro de 1889, já fora chamado de “ronha”, sinônimo de esperto, ardiso, manhoso, matreiro, astuto ou “moiteiro”.<sup>20</sup>

Como conseqüência, ultrapassou o 15 de novembro deixando dúvidas sobre a sua real posição como chefe do Exército. Foi eleito Vice-Presidente na chapa que se opôs a Deodoro, e conseguiu impor-se, com astúcia política, à substituição deste, enfrentando e superando, com determinação e invulgar capacidade de trabalho, seriedade e visão de estadista, as tempestades que desabaram sobre seus ombros, mesmo depois de haver restabelecido o Congresso. Sua capacidade política e inteligência foram subestimadas por muitos. A esses estavam reservadas grandes surpresas.

***“Sua capacidade política e inteligência foram subestimadas por muitos. A esses estavam reservadas grandes surpresas.”***

Segundo Osvaldo Aranha *“Floriano era uma mistura de elementos físicos que lhe davam aspecto ora de rochedo, ora de penhasco, sempre de montanha distante e inacessível... incluída a capacidade de se ajustar às diversidades do tempo, às variações dos ventos e a de desdenhar as tempestades...”*

Para Humberto Peregrino *“autoridade, rigor, probidade e espírito público eram as características principais de Floriano como homem público”*.<sup>21</sup>

Para Mário Barata<sup>22</sup> *“a reação de Floriano para fortalecer a República não é um enigma e sim uma reação natural de um líder de caráter, experiência e bravura”*.

Essa atitude de Mário Barata é justificada com a resposta de Floriano, em 15 de novembro de 1894, à Comissão que foi à sua casa para entregar-lhe uma espada de ouro. Doente, Floriano não pôde receber a Comissão. E o Tenente Aristides Villas-Boas leu seu agradecimento:

*“Como chefe da Nação, em minha volta sucumbiram mártires em nome da lei, que afortunadamente venceu, para a glorificação dos Estados Unidos do Brasil, e em nome da dignidade e da honra da Pátria, para dizermos que continua a ser República toda a América. Julgando-me imensamente feliz por haver co-participado dessa tarefa ingentíssima de preservar de desgraça, de fortificar, de consolidar a República, não obstante ter sido o mais modesto de quantos se empenharam nessa gloriosa campanha.”*

20. Da linguagem castrense.

21. Ministério Exército, Cadernos... Comemorações

Centenários República e Bandeira, 1991 (Artigos).

22. *Idem, op. cit.* nota anterior.

A seguir declarou *“carecer de repouso a sua saúde, de haver sido tomado pela fadiga, mas contente consigo por não se haver poupado de nenhum sacrifício no cumprimento do que ele julgou seu dever”*.

O General Jonas Correia Filho,<sup>23</sup> estudioso de Floriano o classificou de “homem reservado e determinado”, como fruto de estudos em fontes sérias e até de caráter científico. E o define:

*“Retraia-se, calava-se quando o silêncio tinha a importância de uma decisão... Homem de natureza resoluta, tomava decisões sensatas e coerentes e praticava atos que considerava de seu dever... Sua vida é um rosário de eleições de moral, de honestidade, de bravura, de bom senso, de experiência e de conhecimento da psicologia dos homens e das multidões.”*

Estudos recentes no Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), feitos longe das paixões da época, com isenção e critérios científicos, confirmam a probidade administrativa, a honestidade, a lisura, o espírito público e, por via de conseqüência, a popularidade do presidente Floriano, após analisá-lo como nacionalista e republicano sincero, soldado competente, estadista, consolidador e defensor da República. Acredito que elas dêem respostas que ajudem a recuperar informações que Floriano espírito reservadíssimo, em seu mutismo e postura de esfinge carregou para o túmulo.

Até hoje na Região Sul são atribuídas culpas a Floriano das quais ele é inocente. Na luta entre políticos maragatos e pica-paus e seus respectivos excessos, costumam usar Floriano e outros oficiais do Exército como bodes

expiatórios. Pois muitas interpretações pretensamente historiográficas, como refletindo a verdade, instrumento de justiça na voz da História, ainda estão dominadas por palavras enlameadas das paixões do momento.

Uma das mais comuns acusações é a de “ditador” ou “exercício ilegítimo do poder”. Ele restaurou o Congresso dissolvido em novembro de 1893. E foi a Comissão de Constituição, Legislação e Justiça do Senado que, em parecer firmado, decidiu que Floriano podia ser investido na Presidência da República, com apoio no artigo 1º e seu parágrafo 2º e das Disposições Transitórias da Constituição do Brasil de 24 de fevereiro de 1891, que rezava:

“Disposições transitórias:

*Artigo 1º – Promulgada a Constituição pelo Congresso, reunido em Assembléia Geral, elegerá em seguida, por maioria absoluta de votos na primeira votação e, se nenhum candidato a obtiver, por maioria relativa, na segunda, o presidente e o vice-presidente do Brasil.*

*Parágrafo 2º – O presidente e o vice-presidente, eleitos na forma deste artigo, ocuparão a Presidência e a Vice-Presidência durante o primeiro período presidencial.”*

E houve grande agitação política, pleiteando alguns, inclusive ilustres juristas que elaboraram a Constituição, que houvesse eleição para substituir o presidente Deodoro, com apoio nos artigos 42 e 47.

Presidente legítimo da República, como esperavam os revoltosos do Sul e na Armada, de armas na mão, a serem tratados por Floriano, presidente constitucional? Enfrentar revoltas sem o recurso do estado de sítio... É um problema de empatia.

Por ocasião do centenário de nascimento, na presença de Getúlio Vargas e do Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra, de-

23. *Idem, op. cit. nota anterior.*

fron­te o monu­men­to a Floriano, na Avenida Rio Branco, na qual foi orador oficial o então Tenente-Coronel Jonas de Moraes Correia Filho, em Ordem do Dia o Exército assim se manifestou:

“Que Floriano Peixoto hoje e sempre no Exército servirá como exemplo de soldado dedicado a sua classe e como patriota, só preocupado com a grandeza e o futuro do Brasil.”

O dia 29 de junho de 1939, 44<sup>a</sup> aniversário de sua morte na Fazenda Paraíso, próxima a Resende, foi escolhido, deliberadamente, para marcar o lançamento da pedra fundamental da AMAN, em sua homenagem.<sup>24</sup>

Floriano fora sempre muito ligado às escolas militares do Ceará, Porto Alegre e Praia Vermelha, que o auxiliaram, inclusive, a combater a Revolta na Armada.

Uma de suas grandes preocupações foi encarregar o Coronel Emile Jourdan<sup>25</sup> de escrever sobre as campanhas do Uruguai e do Paraguai, para subsidiar estudos de tática e estratégia dos alunos de nossas escolas militares, baseados nas realidades operacionais sul-americanas.

Por suas demonstrações de coragem, física e moral, lisura, probidade, honestidade na defesa intransigente da coisa pública, e mais, por suas atitudes de simplicidade espartana adquiridas na vida de engenheiro e na campanha do Paraguai, conseguiu comunicar-se com o povo no seio do qual passou a desfrutar enorme popularidade e devoção por muitos anos depois de sua morte. Tinha

os olhos voltados sinceramente para o povo e para a Pátria, protegendo-os dos crimes de colarinho branco e dos efeitos das lutas que foram travadas entre o Governo e os revoltosos na Armada, na Baía da Guanabara, por mais de 6 meses.

Sua comunicação com o povo valeu-lhe o apelido popular de “O Quera”, que, segundo Umberto Peregrino, era sinônimo de “audaz, desabrido, invencível e destemido”.

A ECEME, em pesquisa histórica, o consagra ao lado de Gomes Carneiro e Gumersindo Saraiva, como a maior figura da Guerra Civil (1893-1895) do ponto de vista militar.<sup>26</sup>

Floriano jovem forte, atlético e bravo consumiu sua saúde em holocausto à defesa do Brasil durante cinco anos de guerra e em 3 anos no exercício da Presidência do Brasil. Não mediu sacrifícios. Foi fiel a si mesmo e aos seus ideais. Foi um brasileiro providencial para um grave momento da nacionalidade. Justiça histórica se lhe faça hoje e no futuro.

À posteridade, para que encontre subsídios para cultuá-lo e colher ensinamentos de sua vida e obra, indicamos as fontes adiante listadas, que tornarão sempre possível resgatá-lo sob a pátina do tempo, como acabamos agora de fazê-lo, com muita honra, respaldando a citada Ordem do Dia do Exército, em 1939, que o recomendou ao culto eterno pela Força, como exemplo raro: de soldado e cidadão modelar do Brasil, pela comovente dedicação ao Exército e à grandeza e ao futuro do Brasil.

24. BENTO, Cláudio Moreira. Jubileu de Ouro da AMAN, 1994.

25. Bisavô materno dos filhos do atual Ministro do Exército, Zenildo Zoroastro Lucena, parente do Barão de Lucena.

26. BENTO, Cláudio Moreira. A Revolução Federalista e a Arte Militar. Fontes para a Revolução Federalista. Bagé, FUMBA, 1992, *A Defesa Nacional e Noticiário do Exército* de nºs 8572, 8574 a 8576, 8579, 8581, 8582 e 8636.

## O TESTAMENTO POLÍTICO DO MARECHAL<sup>27</sup>

*“Meus amigos – Recebo com especial agrado a sincera manifestação do vosso apreço.*

*Ela tem para mim um valor inefável, pois revela a generosidade dos vossos nobres corações.*

*Ela me enche a alma de um prazer imenso, porque vejo nela um tributo de vossa gratidão a um velho servidor da Pátria, que lhe consagrou de coração o melhor de sua vida, e da República por amor da qual sacrificou o resto de saúde e vigor que lhe deixou a penosa campanha do Paraguai.*

*Hoje, como vedes, vivo longe do lar a procurar em vários climas a reparação das forças perdidas nas lutas pela Pátria e pela novas instituições.*

*Nessa peregrinação, alimento a esperança de alcançar do Criador a mercê de viver mais algum tempo para prover a educação dos filhos, órfãos há cinco anos dos cuidados paternos; e também para lograr o prazer de contemplar a jovem República livre dos embaraços que ora lhe estorvam os passos, a marchar desassomburada e feliz ao lado das nações mais adiantadas do Velho e do Novo Mundo.*

*A vós, que sois moços e trazeis vivo e ardente no coração o amor da Pátria e da República, a vós corre o dever de ampará-la e defendê-la dos ataques insidiosos dos inimigos.*

*Diz-se e repete-se que ela está consolidada e não corre perigo.*

*Não vos fiéis nisso, nem vos deixeis apanhar de surpresa. O fermento da restauração agita-se em uma ação lenta, mas contínua e surda.*

*Alerta! pois.*

*A mim me chamais o consolidador da República. Consolidador da obra grandiosa de Benjamim Constant e Deodoro são o Exército nacional e uma parte da Armada, que à Lei e às instituições se conservaram fiéis.*

*Consolidador da República é a guarda nacional, são os corpos de polícia da Capital e do Estado do Rio, batendo-se com inexcedível heroísmo e selando com seu sangue as instituições proclamadas pela revolução de 15 de novembro.*

*Consolidador da República é a mocidade das escolas civis e militares, derramando o seu sangue generoso para com ele escrever a página mais brilhante da história das nossas lutas.*

*Consolidador da República, finalmente, é o grande e glorioso partido republicano, que, tomando a forma de batalhões patrióticos, praticou tais e tantos feitos de bravura, que serão ouvidos sempre com admiração e respeito pelas gerações vindoura.*

*São esses os heróis para os quais a Pátria deve volver os olhos, agradecida.*

*À frente de elementos tão valiosos, não duvidei, um momento sequer, do nosso triunfo, e, pedindo conselhos à inspiração e à experiência e procurando amparo no sentimento da grande responsabilidade que trazia sobre os ombros, tive a felicidade de poder guiar os nossos no caminho da vitória.*

27. Escrito no atual Hotel Fazenda Paraíso, entre 10 e 27 de junho de 1895. O original encontra-se no gabi-

nete do comandante do Regimento Floriano (1º GAP AP), na Vila Militar, Rio, RJ.

*Foi esse o meu papel.*

*Se mérito existe nele, não almejo outra recompensa, senão a prosperidade da República e a estima dos que sinceramente lhe consagram o seu amor.*

*Vou terminar: as prescrições médicas não me permitem o mais leve trabalho men-*

*tal: mas, para corresponder à vossa gentileza, não duvidei infringir os conselhos da ciência e escrever estas linhas, que vos entrego como penhor e testemunho da minha eterna gratidão. – Divisa, junho de 1895 – FLORIANO PEIXOTO.” □*

## BIBLIOGRAFIA

- Fontes Principais para a elaboração do presente artigo e para resgate, a qualquer tempo, da vida e obra do Marechal Floriano.
- ANAIS DO CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA... A REPÚBLICA. Rio, IHGB, 1889 (Artigo de Moacyr Pereira *et alli* sobre Floriano).
- ARQUIVO NACIONAL. Arquivo do Presidente Floriano Peixoto, Rio-RJ.
- BENTO, Cláudio Moreira, Cel. História da 3ª RM 1889-1953. Porto Alegre. Ed. Palloti, 1995 (Guerra Civil 1893-1895 no RGS) V.2.
- Centenário da Revolta na Armada. *Defesa Nacional*. Nº 762, out/dez 1993.
- Centenário do sítio federalista de Bagé. RIHGB, nº 381, out/dez 93.
- Os cercos de Bagé e da Lapa e duas resistências épicas na História Militar do Brasil. Anais do Congresso sobre a Revolução Federalista no Paraná. Curitiba, Assembléia Legislativa, 1995 e *Defesa Nacional* 1995, nº 787. Publica Quadro Comparativo de Cercos.
- A participação de São Paulo no combate a Guerra Civil 1893-1895 e Revolta na Armada. RIHGSP, Defesa Nacional e RIHGB em 1995.
- CADERNOS DA COMISSÃO DO EXÉRCITO COORDENADORA DAS COMEMORAÇÕES DOS CENTENÁRIOS DA REPÚBLICA E DA BANDEIRA. Rio, BIBLIEX-SENAI, 1991 (Artigos do General Jonas Correia Filho, Umberto Peregrino, Mario Barata e Cláudio M. Bento).
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Marechal Floriano Peixoto Memórias e Documentos. Rio, Serv. Graf. ME, 1939. 6v (Ressalto o v.1 biografia).
- MIRANDA, Salm de, General. Floriano, BIBLIEX, 1963.

---

# A SUA HISTÓRIA É MUITO IMPORTANTE PARA A HISTÓRIA DA NESTLÉ.



---

A maior alegria da Nestlé é participar de cada momento de sua vida. Fortalecendo laços de amizade que se renovam a cada novo dia e a cada nova história.

**Nestlé**  
Sua vida, nossa história.